

Às vezes, quando Arshish estava em casa, Xassta perguntava-lhe:

— Ó meu Pai, que existe para lá daquela colina?

Se o pescador estava mal-humorado, puxava as orelhas a Xassta e dizia-lhe que não se metesse onde não era chamado; mas, se estava bem-disposto, respondia:

— Não deixes que o teu espírito se distraia com questões ociosas, ó meu filho, pois um dos poetas disse: «O trabalho feito com aplicação é a fonte da prosperidade, mas os que fazem perguntas que não lhes dizem respeito lançam o barco da loucura contra o rochedo da indigência.»

Xassta pensava que para lá da colina devia haver um qualquer segredo maravilhoso que o pai queria esconder dele. Porém, na realidade, o pescador ignorava o que havia para norte. E também não estava interessado em saber. Tinha um espírito muito prático.

Certo dia chegou do Sul um desconhecido muito diferente dos homens que Xassta estava habituado a ver. Montava um grande cavalo cinzento com malhas pretas, com a crina e a cauda flutuando ao vento e os estribos e o freio enfeitados com prata. Envergava uma cota de malha e a ponta de um elmo erguia-se do meio do seu turbante de seda. Trazia à cinta uma cimitarra curva, às costas um escudo redondo com relevos de bronze e na mão direita uma lança. O seu rosto era escuro, mas isso não surpreendeu Xassta, já que toda a gente de Calormen é assim; o que o deixou admirado foi a barba do homem, pintada de carmesim, encaracolada e brilhando de óleos perfumados. Arshish sabia, pelo ouro que enfeitava o braço nu do desconhecido, que se tratava de um Tarkaan, ou seja, de um grande senhor: fez uma vénia e ajoelhou-se diante dele até a sua barba tocar no chão, fazendo sinal a Xassta que o imitasse.

O desconhecido pediu que lhe dessem guarida por essa noite, coisa que o pescador não ousou recusar-lhe. À ceia apresentou o que tinham de melhor ao Tarkaan (que não ligou grande importância ao facto) e Xassta, como sempre acontecia quando o pescador tinha companhia, recebeu um naco de pão e foi mandado para fora da choupana. Em tais ocasiões costumava dormir com o burro no pequeno estábulo coberto de colmo. No entanto, como ainda era demasiado cedo para ir para a cama, Xassta,



que nunca tinha aprendido que não é bonito escutar às portas, sentou-se com uma orelha encostada a uma fenda na parede de madeira da cabana para ouvir o que estavam os dois homens a dizer. E eis o que ouviu:

— E agora, ó meu anfitrião, estou com ideias de te comprar esse rapaz — disse Tarkaan.